

<http://doi.org/10.47369/eidea-25-3-4788>

Recebido em: 25/08/2025

Aprovado em: 18/11/2025



Entre a retórica e o discurso

Uma análise da *Semina Probationum* na narrativa biográfica da série *Prós e Contras - Um julgamento da história*

Alan de Paula Brusco

Universidade Federal de Viçosa (UFV), Brasil

orcid.org/0000-0003-3845-2902

Rony Petterson Gomes do Vale

Universidade Federal de Viçosa (UFV), Brasil

orcid.org/0000-0002-0123-9828

Este estudo, recorte de uma pesquisa maior sobre Discurso, História e Argumentação, analisa o funcionamento das *semina probationum* nas biografias da série *Prós e Contras – Um Julgamento da História* (1975), observando como orientam julgamentos sobre as personalidades retratadas. Como base teórica, utilizamos as definições de Roland Barthes (2019) acerca das operações retóricas, além da Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau. O *corpus* compreende três volumes da coletânea, dedicados a Mao Tse-tung, John F. Kennedy e Karl Marx. A análise evidencia que, na narração dos eventos da vida dessas figuras, elementos qualificativos da narrativa argumentam para a construção de imagens negativas de Kennedy e positivas de Mao e Marx. Concluímos, assim, que as biografias examinadas não apenas informam sobre os sujeitos retratados, mas também articulam um projeto retórico voltado à orientação de determinados julgamentos históricos.

Palavras-chave: Biografias. Semiolinguística. Retórica. *Semina Probationum*.

Entre retórica y discurso: un análisis de la *semina probationum* en la narrativa biográfica de la serie *Prós e Contras - Um julgamento da histórica*

Este estudio, que forma parte de una investigación más amplia sobre Discurso, Historia y Argumentación, analiza el funcionamiento de la *semina probationum* en las biografías de la serie *Prós e Contras - Um Julgamento da História* (1975), observando cómo guían los juicios sobre las personalidades retratadas. Como base teórica utilizamos las definiciones de operaciones retóricas de Roland Barthes (2019), además de la Teoría Semiolingüística de Patrick Charaudeau. El *corpus* comprende tres volúmenes de la colección, dedicados a Mao Tse-tung, John F. Kennedy y Karl Marx. El análisis muestra que, en la narración de los acontecimientos de la vida de estas figuras, los elementos calificativos de la narrativa abogan por la construcción de imágenes negativas de Kennedy e imágenes positivas de Mao y Marx. Concluimos, por tanto, que las biografías examinadas no sólo proporcionan información sobre los sujetos retratados, sino que también articulan un proyecto retórico destinado a orientar ciertos juicios históricos.

Palabras clave: Biografías. Semiolingüística. Retórica. *Semina Probationum*.

Between rhetoric and discourse: an analysis of the *Semina Probationum* in the biographical narrative of the series *Pros e Contras - Um julgamento da histórica*

This study, part of a larger research on Discourse, History and Argumentation, analyzes the functioning of the *semina probationum* in the biographies of the series *Prós e Contras - Um Julgamento da História* (1975), observing how they guide judgments about the personalities portrayed. As a theoretical basis, we use Roland Barthes' (2019) definitions of rhetorical operations, in addition to Patrick Charaudeau's Semiolinguistic Theory. The *corpus* comprises three volumes of the collection, dedicated to Mao Tse-tung, John F. Kennedy and Karl Marx. The analysis shows that, in the narration of the events in the lives of these figures, qualifying elements of the narrative argue for the construction of negative images of Kennedy and positive images of Mao and Marx. We conclude, therefore, that the biographies examined not only provide information about the subjects portrayed, but also articulate a rhetorical project aimed at guiding certain historical judgments.

Keywords: Biographies. Semiolinguistics. Rhetoric. *Semina Probationum*.

Introdução

A noção de julgamento imparcial, quando colocada nesses termos, revela-se tão utópica quanto a concepção de uma ciência desvinculada da subjetividade. Conforme os gregos reconheceram que o homem é a medida de todas as coisas, como assevera Protágoras (Reboul, 2004), sustentando a ideia de que todo argumento pode ser contraposto por outro, a concepção de uma verdade absoluta – ainda que possível – deixa de ser o principal fundamento para a obtenção de consenso em disputas argumentativas.

Nesse contexto, um conjunto de produções biográficas sobre figuras importantes dos séculos XIX e XX, como é o caso da série *Prós e Contras – Um Julgamento da História*, ao articular elementos de um gênero historiográfico com a ideia de julgamento do campo jurídico, ambos reivindicando uma pretensa imparcialidade ancorada na biografia, não consegue escapar das mediações próprias da linguagem. Tal linguagem, por sua vez, é inevitavelmente atravessada pela subjetividade do sujeito que a enuncia, tornando impossível qualquer distanciamento completo entre narrativa, julgamento e representação.

Em outras palavras, mais ambiciosa do que simplesmente biografar tais personalidades, a série *Prós e Contras* tem como objetivo proporcionar ao leitor, por meio da leitura e da reflexão dita imparcial, a possibilidade de formular seu próprio julgamento da História. Essa proposta se manifesta na organização textual das obras: um terço da formatação das páginas é destinado a uma narrativa biográfica nos moldes tradicionais, enquanto os dois terços restantes são compostos por “notícias de jornais da época, trechos de livros, comentários políticos e depoimentos”, todos selecionados por “uma equipe de especialistas” (Bodino e Pastengo, 1975, p. 3). Com isso, a série visava alcançar um objetivo específico: “apresentar fatos, dar informações, mostrar as duas faces de homens que mudaram o mundo”, deixando, no entanto, a “opinião final” a cargo do leitor (Bodino e Pastengo, 1975, p. 3).

Tomando tal coletânea e as suas propostas, observamos que essas obras constroem uma espécie de corte simbólica onde o retor, sendo o biógrafo, dirige-se ao seu júri, o público leitor, com o intuito de contar as histórias dos “réus” em julgamento. Com a ampliação do campo da retórica para além dos domínios exclusivos do jurídico e do político, estendendo-se a outras esferas da atividade humana (Charaudeau, 2016), propomos aqui uma investigação alinhada ao que

Barthes (2019) define como a postura de um bom orador: aquele que estrutura sua narrativa de modo a conduzir o leitor à conclusão desejada. Essa orientação ocorre por meio da inserção de determinadas “sementes de prova” (em latim, *semina probationum*) na narrativa – elementos que, desde a narração dos fatos, operam a favor de um projeto argumentativo previamente delineado.

Para tal análise, selecionamos três biografias da coletânea, referentes a Mao Tse-tung, John F. Kennedy e Karl Marx, com o intuito de elucidar essas sementes de prova nelas presentes. Para isso, será utilizado um entrelace teórico-metodológico entre os postulados sobre a *technè rhetorike* de Barthes (2019) e a Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau, uma vez que a segunda oferece categorias analíticas que ajudam a elucidar o que o primeiro afirma existir. Busca-se, assim, discutir os efeitos que esses elementos podem exercer sobre o julgamento do leitor a respeito das personalidades biografadas, avaliando se contribuem de forma neutra, favorável ou desfavorável para a construção do veredito final.

Ademais, é pertinente que sejam dedicados mais trabalhos para o recurso das *semina probationum*, uma vez que não se aborda muito essa questão dentro da literatura da área, mesmo este sendo um elemento de persuasão efetivo. E a utilização desta ferramenta em textos que saem do espaço jurídico, onde muito tempo foi o limite da retórica, mostra a pertinência da teoria em outros âmbitos discursivos. Então, nas próximas seções, será feito um breve estudo do gênero biografia e do elemento narrativo que elas empregam, seguida de uma breve revisão sobre as diferentes operações retóricas e sobre os conceitos da Teoria Semiolinguística aqui utilizados. Por fim, será apresentada uma discussão sobre as sementes de prova nas três primeiras obras da série *Prós e Contras - Um Julgamento da História*.

1 Narrativas biográficas e o gênero biografia

No âmbito da história, por volta da década de 1970, as biografias começam a ganhar um maior reconhecimento como documento, pois estas trazem de volta o indivíduo como elemento de entendimento da sociedade. Ficou mais claro do que nunca que o “eu” não existe isolado do meio. Na verdade, ele existe em uma rede de relações com outros elementos, estes sendo pessoas, fatos, forças, ideias, representações e imaginários (Priore, 2009). Tal ponto coloca em destaque que a elaboração biográfica impõe ao biógrafo a responsabilidade de uma reflexão crítica

sobre os desdobramentos inerentes à reconstrução do passado. Uma trajetória individual não se apresenta como uma sequência estática de eventos, mas como um sistema dinâmico e multifacetado, cujas ressignificações sucessivas demandam um esforço hermenêutico contínuo (Pena, 2007).

Em outras palavras, apreender um fato diante de uma atitude de reconstrução do mundo, como coloca Mugnol (2018), elemento constituinte da escrita biográfica, justifica mencionar o papel da narrativa como recurso. A narrativa permite que o texto seja construído por diferentes vozes, de pessoas que tiveram alguma forma de contato com o indivíduo biografado ou com algum acontecimento relacionado a ele, assim como recortes de reportagens ou outros documentos que o mencionam. O biógrafo captura tais fatos, apresentados de forma incompleta, e os transforma em narração histórica, indo além do que está documentado (Andrade, 2010).

O tratamento que o biógrafo dá às fontes é de suma importância para pensar no resultado, que é a obra. O biografado é uma representação a partir do que o biógrafo escreve sobre ele (Vilas Boas, 2002). Pensando na tradição, o escritor desses textos é uma autoridade em relação ao que conta, que sabe de tudo sobre a personalidade narrada. E, assim como na produção de um discurso sobre ele próprio, ao falar de um outro, esta instância narrativa não consegue evitar deixar as suas marcas (Xavier, 2012). Inclusive, suas escolhas narrativas refletem o que pode ser uma obra mais subjetiva ou objetiva, direta ou indireta.

Somado a isso, o trabalho em potencial utilizado na *biografização* do indivíduo não consegue escapar da falácia que é narrar uma vida em termos de princípio, meio e fim. Para Bourdieu (1998), é impossível retratar uma existência de forma linear e coerente, como fazem os textos biográficos, somente sendo alcançável uma “ilusão biográfica”. Tais limitações levam a construções ao mesmo tempo monocausais e limitadas. Quando na verdade, de forma contrária, a sucessão de eventos de uma trajetória está inserida em uma cadeia muito mais complexa. Para o autor, transformar um indivíduo em história sem que se consiga dar conta da complexidade deste é uma forma de se conformar com uma mera representação.

Nesse esquema conflitante, entre a tentativa impossível de reconstruir o passado de um indivíduo de forma integral, a partir da complexidade da sua existência, e o polo representativo a qual o biógrafo responde, cria-se um jogo existencial de criação identitária. Segundo Xavier (2012):

A identidade é então construída por meio de jogos existenciais e narrativos da revelação de si. As memórias do passado, o desejo de apresentar-se de determinada maneira e as escolhas e supressões empreendidas são ressonantes da identidade que se deseja construir (Xavier, 2012, p. 62).

A narrativa de um indivíduo, indissociável de sua inserção em um meio social e cultural, encontra na biografia não apenas um relato, mas um elemento constitutivo de sua própria identidade, como aponta Xavier (2012). Segundo a autora, no caso das autobiografias, a sobreposição entre autor e protagonista abre espaço para um campo de negociação identitária e reinvenção. Isso levanta a questão de até que ponto um autor externo ao biografado também participa desse processo de reinvenção, ainda que por meio de outras dinâmicas narrativas.

2 A *techné rhetoriké*

A tradição retórica remonta a pensadores gregos que antecedem a Aristóteles. No entanto, é com ele que esta ganha uma sistematização teórica mais robusta. Retomando e ressignificando uma arte que, à época, havia adquirido má reputação, o filósofo estrutura os princípios da *technè rhētorikè*, argumentando que o uso da retórica para fins moralmente questionáveis não a torna, em essência, uma ferramenta condenável. Respeitando as proposições aristotélicas, usaremos, entretanto, as nomenclaturas dadas em latim apresentadas por Barthes (2019) com relação às operações que compõem as partes da composição do discurso retórico, a saber: a *inventio (eurisis)*, *dispositio (taxis)* e *elocutio (lixis)*.

Nesse quadro, pode-se pensar na *inventio* (invenção) como a busca pelo que dizer, a partir do objetivo de convencer e/ou comover. Todas as provas já existem no mundo, fora da *technè*, podendo ser inerentes à natureza do objeto - provas externas, como documentos, testemunhos, etc. -, ou subjugadas dentro da *technè*, dependentes do poder de raciocínio e da criatividade do retor¹ - provas internas, como a criação de um raciocínio ou silogismo (Barthes, 2019). As primeiras podem ser usadas para convencer o seu auditório, onde é necessário um domínio sobre essas provas, mesmo que tenham força própria. As segundas, a partir das características emotivas dos ouvintes, são mobilizadas de forma subjetiva pelo retor com o objetivo de comover o público.

¹ Uma definição de retor seria, em Barthes (2019), a da instância que projeta e performa a persuasão.

A segunda operação que se segue ao *inventio* é a *dispositio* (disposição), que consiste na ordenação e organização das partes do discurso em quatro importantes segmentos: *exórdio*, *narratio*, *confirmatio* e *epílogo*. O *exórdio* é a introdução ao discurso, onde o orador deve “engajar-se com prudência, reserva e moderação” (Barthes, 2019, p. 82). O *epílogo* é o encerramento do discurso, onde este não está mais limitado, buscando expandir o tema e reavivar a memória do ouvinte com base nos argumentos previamente expostos. Estes dois são blocos passionais, pois ambos compõem a inauguração e fechamento do dizer, momentos importantes para colocar o interlocutor favorável ao orador (Kist, 2011).

Enquadrados na parte demonstrativa, tem-se o *narratio*, que é a narração dos fatos relacionados à causa, mas não simplesmente uma narrativa, e sim uma prótese argumentativa, que tem suas características próprias a serem seguidas: ausência de presunções, prosopopeias e sem uma argumentação direta (Barthes, 2019). Há também a *confirmatio* (‘confirmação’), que trata das vias da argumentação de fato. Nesse bloco ocorre o estabelecimento de provas para de fato se concretizar o propósito da persuasão, podendo ainda seguir uma refutação em relação ao que foi argumentado anteriormente pelo adversário (Reboul, 2004). Tem-se uma marca forte do *logos*, mas há um recurso ao lado patêmico do discurso, suscitando sentimentos como indignação, piedade, entre outros.

A última operação a ser tratada aqui é a *elocutio*, que é a materialização das duas operações anteriores, onde o discurso é colocado em palavras. As operações que envolvem a preparação, a *inventio* e a *dispositio*, são concretizadas nesta última. É nessa fase da *technè* que o retor também articulará o material linguístico de forma a acrescentar os recursos e as figuras de estilo, floreando seu material discursivo (Chediak; Chediak, 2023).

Chamaremos atenção aqui mais uma vez para a operação do *narratio*, que se localiza antes da modalização da argumentação propriamente dita, mas que pode deixar abertura para adição de elementos persuasivos. A tradição retórica chama essas “sementes” ou “elementos de prova” de *semina probationum* (Barthes, 2019). A utilização desse recurso é sempre consciente e esperada de um bom retor; são construções sutis ou escolhas sobre como descrever a narrativa, mas que posteriormente podem ser ampliadas na argumentação ou simplesmente reforçam o propósito argumentativo do orador, o auxiliando a guiar o outro com o seu discurso até uma conclusão visada (Chediak; Chediak, 2023).

3 As contribuições da teoria semiolinguística

Charaudeau (2019) apresenta, em sua Teoria Semiolinguística, o conceito de Modos de Organização do Discurso. A partir da noção de que um ato de linguagem é pensado levando em conta visadas de um enunciador, na sua elaboração, este último modaliza determinadas categorias da língua para atender sua intenção comunicativa, seja essa de enunciar, descrever, narrar e/ou argumentar. Ou seja, o discurso pode se organizar em Modo Enunciativo, Modo Descritivo, Modo Narrativo e Modo Argumentativo. Embora as biografias apresentem a narração como modo predominante, para os nossos objetivos, nos deteremos nos modos de organização enunciativos e descritivo, visando fazer luz à “semeadura” na *narratio*.

O Modo de Organização Enunciativo é aquele que ordena todos os outros, uma vez que ele diz respeito à postura do enunciador em relação ao seu ato de linguagem e ao seu interlocutor (Charaudeau, 2019). Este pode se posicionar de forma alocutiva, influenciando o outro a um querer-fazer ou um querer-saber, de forma elocutiva, para mostrar o seu próprio ponto de vista, ou de forma delocutiva, em que o locutor se retira da cena para passar um efeito de impessoalidade, como se o seu enunciado fosse a retomada de falas de terceiros (Charaudeau, 2019). Essas posturas enunciativas ainda podem ser subdivididas em categorias menores, como aviso, petição, interrogação, injunção, entre outros, que ajudam a evidenciar de maneira clara as relações entre os sujeitos envolvidos no ato de linguagem (Charaudeau, 2019).

Ao falar do Modo de Organização Descritivo, deve-se apresentar primeiro a diferenciação entre o que é descrição e o que é descritivo. A descrição é um resultado, é um texto ou um fragmento de um texto que se apresenta explicitamente como tal. Já o descritivo é um processo que ajuda a compor discursos que podem ter outra finalidade além de descrever (Charaudeau, 2019). E esse processo tem o mesmo estatuto que o argumentativo e o narrativo, podendo se misturar com eles em diferentes enunciados, levando à conclusão de que um determinado texto pode ser descritivo em parte ou em sua totalidade, e também fazer parte de textos literários e não literários.

Outro ponto importante a se mencionar, ainda segundo Charaudeau (2019), é a relação entre a atividade de *descrever* com a atividade de contar e de argumentar. Em primeira instância, o autor as coloca em oposição, mas elas se complementam e trabalham juntas. No que se refere à atividade descritiva, ou seja, organizar experiências e ações no tempo, “consiste em observar o mundo com um olhar fixo,

que faz os seres existirem ao nomeá-los, localizá-los e atribuir-lhes qualidades” (Charaudeau, 2019, p. 111). No contexto da argumentação, que envolve operações de ordem lógica, a descrição serve para identificar e classificar os seres, contribuindo para a construção de raciocínios coerentes.

Um componente da construção descritiva merece destaque neste trabalho: os procedimentos para qualificar. E qualificar seria atribuir características aos seres, que, uma vez classificados, passam a receber um sentido particular, dentro da parcialidade do falante. Isto é, esse último processo tem uma função de construção de mundo, seja ela objetiva ou subjetiva, observável por diferentes grupos ou que revelam crenças individuais (Charaudeau, 2019). E ela sempre passa por um juízo de valor que coloca diferentes caracterizações como positivas, negativas ou neutras.

4 Metodologia

Ao optarmos por realizar uma análise que integrasse preceitos da técnica retórica com a Teoria Semiolinguística da Análise do Discurso, consideramos essa uma pesquisa de natureza simultaneamente qualitativa e quantitativa. Trata-se de uma abordagem qualitativa por seu viés interpretativista, baseado na aplicação das categorias propostas por Charaudeau (2019), utilizadas aqui para identificar e interpretar as *semina* presentes no objeto de análise. Por outro lado, o estudo também assume um caráter quantitativo em razão da forma como os dados foram apresentados e discutidos, considerando a frequência de determinadas categorizações. Estabelecido esse paradigma metodológico, resumimos o processo de realização deste trabalho em duas etapas principais, tratadas adiante.

O primeiro passo consistiu na leitura dos textos que compõem o *corpus*. Diante da problematização proposta para a coletânea *Prós e Contras – Um Julgamento da História*, optou-se por analisar apenas os três primeiros volumes da série, dedicados, respectivamente, a Mao Tse-tung, John F. Kennedy e Karl Marx – considerando que, ao todo, a obra é composta por 15 volumes. Após essa leitura inicial, foi selecionado um *corpus* de 304 excertos retirados da parte superior desses livros, onde se encontram as narrativas biográficas propriamente ditas, sobre os personagens em questão. Dos 304 trechos, 82 foram extraídos da biografia de Mao, 136 da de Kennedy e 86 da de Marx. Para essa seleção, adotamos como critério passagens que apresentassem caracterizações e/ou qualificações dos indivíduos sobre os quais se desenvolve a narrativa.

O segundo passo envolveu a criação de grades analíticas para que pudéssemos dissecar cada trecho separadamente. Na primeira grade, analisamos os textos sobre a ótica do Modo de Organização Enunciativo. Consideramos apenas um narrador-biógrafo geral, pensando no time comum de historiadores por trás de todas as publicações. Depois, repetimos o processo com as categorias do Modo de Organização Descritivo. Como os objetivos do trabalho envolvem elucidar elementos lexicais na construção da narrativa, para uma busca mais otimizada, recorreremos somente a esses dois Modos de Organização, como dito acima, excluindo para nossos propósitos o Narrativo e o Argumentativo. Com os dados encontrados, buscamos recorrências de certas categorias que foram utilizadas para propormos algumas conclusões sobre a estruturação das sementes de prova nas narrativas biográficas do objeto selecionado.

A partir do apuramento dos dados e das considerações realizadas, elaboramos quadros que sintetizam, separadamente para cada volume, os indicadores obtidos com base no número de ocorrências de determinadas categorizações em relação ao total, bem como suas respectivas porcentagens. Estes quadros serão apresentados na seção seguinte, onde será feita a discussão dos números encontrados.

5 Resultados e discussões

5.1 A organização enunciativa na série *Prós e Contras*

Por se tratarem de três livros distintos, apresentaremos nesta seção os resultados encontrados a partir de exemplos individuais de cada biografia para depois focarmos nas predominâncias categóricas de forma mais geral. Com isso estabelecido, o primeiro passo para toda análise semiolinguística é a análise do Modo de Organização Enunciativo, que engloba todas as outras formas de organização discursiva, uma vez que todas devem passar pelo processo da enunciação. Será discutida aqui a postura enunciativa dos três livros, para que, a partir deles, seja possível formular uma ideia geral sobre o comportamento enunciativo do narrador-biógrafo e, aqui, orador nesses textos.

Trecho 1:

Aos dezesseis anos, Mao é um rapaz grande demais para uma escola primária; mas ainda não frequentou cursos regulares - e nunca é muito tarde para começar. Na escola Tung-shan fica somente um ano; logo se vê induzido a lutar contra o

desprezo e a incompreensão dos companheiros, menores do que ele em idade, mas todos, ao contrário, abastados (Bodino; Pastengo, 1975, p. 18).

No trecho 1, temos uma apresentação de como se deu o ingresso de Mao na escola primária, e como ele, pela diferença de idade, estava intelectualmente avançado em relação aos colegas mais novos, mesmo sendo estudante do primeiro ano. Nota-se que há uma ausência de um narrador-biógrafo na forma como a história é contada, marcada pela construção da terceira pessoa, resultando em um efeito de impessoalidade que faz parecer que não há ninguém contando tal fato, mas sim a própria história falando por si mesma. Em termos de categorias enunciativas, Charaudeau (2019) chama essa organização de modo delocutivo, isto é, um ato no qual o enunciador se retira do seu discurso para que este pareça uma fala de outro lugar e não dele próprio, criando uma ideia de objetividade.

Além disso, Charaudeau (2019) afirma que a organização delocutiva pode ser compreendida, principalmente, sob duas formas, no que diz respeito à relação entre o locutor e seu discurso. A primeira ocorre quando os discursos do mundo se impõem (ou ao menos assim parecem) ao locutor, não sendo possível encontrar sua origem, e ele só os retoma. Essa postura é denominada pelo teórico como asserção. A segunda forma diz respeito à retomada da fala de outro sujeito, em que o enunciador apenas o reproduz, sem emitir qualquer juízo sobre ele. A essa posição, Charaudeau (2019) dá o nome de “discurso relatado”. No caso do trecho 1, não havendo nenhuma outra pessoa para assumir a responsabilidade por este dito, sendo apresentado como uma afirmação da própria história, podemos classificar tal ato como uma asserção.

Trecho 2:

Kennedy derrotou Lodge por 1.211.984 votos contra 1.141.247. A margem de 70.737 votos, em si, não era espirituosa, mas fica sendo quando se considera que, no mesmo dia, em Massachusetts, os republicanos haviam triunfado nas eleições presidenciais com Eisenhower, que deixara para trás o candidato democrata (Margota, 1975, p. 50).

O trecho 2, retirado do segundo volume, trata da vitória de Kennedy sobre Lodge na disputa pelo cargo de senador, e tem uma configuração bastante semelhante ao do trecho sobre Mao. Novamente, tem-se uma impressão de ausência do enunciador em relação ao seu discurso, não sendo possível resgatar exatamente um narrador marcado explicitamente. Semelhante ao texto de Mao, o que temos também é uma organização enunciativa delocutiva. E como não é mencionado

nenhum outro autor que dê base para o que está sendo dito, esse trecho será tratado como uma asserção. Dando sequência, indo para o terceiro volume, sobre Karl Marx:

Trecho 3:

Marx atribuía à Liga uma tarefa de propaganda. Não queria conspirações nem levantes; julgava que o proletariado ainda não estava pronto para o poder (voltara, portanto, as ideias de 1848) (Chiericati, 1975, p. 53).

No trecho 3, ao falar da proposta de Marx para a propaganda comunista e suas preocupações com o proletariado, da mesma forma como acontece nas biografias de Mao e Kennedy, vemos que a forma do texto é construída em terceira pessoa. Não estando marcado no trecho quem está afirmando o que está sendo dito, tem-se uma construção delocutiva, novamente. E, de maneira análoga, não havendo a citação de nenhuma referência sobre a origem dessa afirmação, é plausível afirmar que se trata de uma asserção. Expandindo essas categorias para o *corpus* analisado, chegamos ao Quadro 1.

Quadro 1 – Modalidades e Categorias Enunciativas no *corpus*

	Mao Tsé-Tung	John F. Kennedy	Karl Marx
Modalidade predominante	Delocutiva 82 ocorrências 100%	Delocutiva 136 ocorrências 100%	Delocutiva 86 ocorrências 100%
Categoria predominante	Asserção	Asserção	Asserção

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Os resultados apontaram a predominância da modalidade delocutiva no *corpus*, o que é esperado de textos do campo historiográfico. Essa modalidade se manifesta, normalmente, no uso da terceira pessoa do discurso, podendo produzir um efeito de impessoalidade. No entanto, é comum que textos científicos se baseiem em debates com outros autores, os citando no corpo do texto, o que pressupõe uma maior presença de discursos relatados. No *corpus* analisado, observa-se, ao contrário disso, a predominância da categoria delocutiva de asserção, que, segundo Charaudeau (2019), representa uma tentativa do sujeito de se ocultar em seu discurso, a fim de atenuar os efeitos da subjetividade.

Gostaríamos de ressaltar, quanto à predominância do modo delocutivo de asserção, que, como pontua Charaudeau (2019), toda construção delocutiva pode ser analisada como uma elocutiva, uma vez que a diferença entre um e outro é se o

enunciador se marca ou não no seu discurso. Logo, levando em consideração as subcategorias elocutivas que podemos investigar nessas asserções, conseguimos evidenciar qual a atitude do narrador-biógrafo perante o seu discurso. Passamos para o trecho 4:

Trecho 4:

Irascível como sempre foi, Mao parece amolecer um pouco em Pequim; conheceu Yang K'ai-hui, a filha do seu professor de Changsha, e estabeleceu com ela uma afetuosa amizade que o levará, dois ou três anos depois, ao casamento (Bodino; Pastengo, 1975, p. 32)

O trecho em questão narra o percurso que levou Mao e Yang K'ai-hui até o matrimônio, a partir do momento em que se conheceram. De acordo com os dados de predominância apresentados anteriormente, trata-se de uma passagem marcada pela modalidade delocutiva, também evidenciada pelo uso da terceira pessoa, e pela categoria de asserção, uma vez que o enunciado é apresentado como uma afirmação que parece pertencer ao mundo dos fatos.

Como mencionado acima, Charaudeau (2019) propõe subcategorias para a asserção justamente para evidenciar que, ainda que o sujeito não esteja explicitamente marcado no discurso, as construções delocutivas não se afastam da instância enunciativa, sendo estruturadas da mesma forma como se esta estivesse materialmente presente. Nesse caso específico, ao se afirmar que foi dessa forma que Mao conheceu sua futura esposa e como o relacionamento entre ambos se estabeleceu desde o primeiro momento, observa-se uma estratégia de constatação, ou seja, uma tentativa, por parte do enunciador, de apresentar os acontecimentos como determinados, reforçando a impressão de veracidade. Ao longo do *corpus*, por extensão, essa categoria se mostra predominante, como se observa no Quadro 2.

Quadro 2 – Subcategorias Enunciativas da Asserção no *corpus*

	Mao Tsé-Tung	John F. Kennedy	Karl Marx
Subcategorias	Constatação 74 ocorrências 90,24%	Constatação 120 ocorrências 88,24%	Constatação 72 ocorrências 83,72%
	Evidência 6 ocorrências (7,32%)	Evidência 12 ocorrências (8,82%)	Evidência 3 ocorrências (3,49%)
	Apreciação 2 ocorrências (2,44%)	Apreciação 4 ocorrências (2,94%)	Apreciação 11 ocorrências (12,79%)

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Em síntese, com base nos dados, já é possível delinear algumas conclusões acerca do comportamento enunciativo do narrador-biógrafo no corpus analisado. Já observamos uma postura predominantemente delocutiva, evidenciada pelo uso da terceira pessoa ao longo de toda a narrativa. Tal escolha reforça um efeito de objetividade que, ao mesmo tempo em que confere credibilidade ao autor, também corrobora a proposta de imparcialidade anunciada na introdução da obra. No entanto, a presença da categoria de asserção – caracterizada pela construção de um texto desprovido de referências externas – evidencia a atuação de um sujeito que, embora não explicitamente marcado, se faz presente com um projeto argumentativo. Essa presença torna-se ainda mais evidente diante da recorrência da subcategoria de constatação, a mais predominante entre todas, na qual as afirmações são apresentadas como verdades autodeclaradas, dispensando qualquer forma de comprovação. A narrativa, desse modo, assume a forma desejada por seu orador, operando como uma estratégia destinada a produzir um efeito de credibilidade e imparcialidade.

A partir dessa construção enunciativa e do que foi dito sobre ela, na próxima seção apresentaremos as sementes de prova colocadas dentro das biografias do *corpus*, e como elas quebram com o contrato de imparcialidade estabelecido, orientando o leitor em detrimento de um julgamento específico sobre tais figuras.

5.2 As *Semina Probationum* nas biografias da série *Prós e Contras*

Nesta seção, discorreremos sobre o comportamento discursivo das *semina probationum* operacionalizadas na narrativa das obras estudadas. Após evidenciarmos que o narrador-biógrafo permanece presente em seu texto, ainda que oculte sua subjetividade sob a aparência de imparcialidade, levantamos a questão de como esse enunciador, atuando como um exímio orador, mobiliza recursos narrativos para construir, ao longo do relato, uma orientação argumentativa capaz de direcionar o leitor a uma determinada opinião sobre a figura biografada. Questionamos, ainda, qual é essa orientação e em que medida ela se manifesta nas escolhas discursivas do texto. Para tal, utilizaremos as ferramentas dadas por Charaudeau (2019) sobre o Modo de Organização Descritivo, mais especificamente do que se trata sobre a qualificação.

Trecho 5:

Em janeiro de 1925, realiza-se em Xangai, o 4º Congresso do PCC. Mao está longe e não poderá, por isso, participar dos trabalhos. Ele, porém, não é, por certo, homem de permanecer quieto na aldeia (Bodino; Pastengo, 1975, p. 18).

Começando pelo livro dedicado a Mao, a partir do trecho 5, temos a descrição da sua ausência em um congresso do Partido Comunista Chinês, acompanhada de uma afirmação sobre o seu estado moral, visível em “ele, porém, não é, por certo, homem de permanecer quieto na aldeia” (p. 18). Colocado sob a ótica do Modo de Organização Descritivo, fica difícil considerar tal afirmação como um elemento objetivo que é aceito por todos que já observaram esse mesmo fato. Muito pelo contrário, aqui temos uma proposta do biógrafo de (re)construir a figura de Mao Tse-tung como esse homem que não fica parado vendo as coisas acontecerem, mesmo após ter afirmado que ele não comparece ao congresso do seu partido em Xangai.

O narrador-biógrafo, então, fica responsável por reconstruir a figura de Mao Tse-tung dentro do seu próprio universo de crenças, apelando para o que Charaudeau (2019) chama de uma descrição para uma construção subjetiva do mundo. Em outros termos, o que acontece aqui é uma caracterização que tem como objetivo oferecer uma qualificação para Mao, uma qualificação que não é embasada em fatos históricos prioritariamente, ou seja, ela parece mais vir de uma pessoa que tem um certo apreço pelo personagem do que de um fato.

Trecho 6:

Mas seus estudos em Princeton duraram muito pouco. Devido a um novo ataque de icterícia, resignou-se, no Natal, a frequentar os cursos superiores de Harvard, onde teve como companheiro de quarto Torbert Macdonald, conhecido campeão de futebol americano [...]. Não brilhou nos exames de admissão e foi promovido por um fio (Margota, 1975, p. 15).

No que se refere a John F. Kennedy, o trecho 6 apresenta de maneira sucinta aspectos de sua trajetória acadêmica durante a juventude universitária. Ao longo da biografia, evidencia-se que o ex-presidente norte-americano frequentou diversas instituições de ensino superior. Especificamente nesta passagem, o foco recai sobre sua saída da Universidade de Princeton e posterior admissão em Harvard. Tal admissão é descrita como ocorrida “por um fio”, expressão que sugere a iminência de uma reprovação, indicando um desempenho limítrofe. Ademais, o narrador-biógrafo afirma que Kennedy “não brilhou” nos exames realizados, colocando em dúvida sua aptidão e rendimento como estudante.

Constatar que Kennedy passou por um fio no processo que prestou, mesmo sendo para uma universidade bastante renomada, é diferente de afirmar a posição, em dados quantitativos, em que a personalidade se classificou. Da mesma forma, declarar que o sujeito “não brilhou” na prova prestada revela que há uma régua que passa pela subjetividade do que o narrador-biógrafo considera ir muito bem ou não. Dessa forma, equivalente ao que ocorre no trecho retirado do volume 1, o trecho 6 é uma passagem que apresenta descrições que recorrem a uma construção subjetiva do mundo.

Trecho 7:

Marx logo revelou excelentes qualidades de jornalista e em breve foi posto à frente da redação, dando ao jornal um notável impulso. Sob sua direção, a orientação política democrático-revolucionária do jornal tornou-se cada vez mais pronunciada, atraindo naturalmente a atenção da censura oficial (Chiericati, 1975, p. 18-19).

Abordando o período que Marx passou trabalhando para o periódico Gazeta Renana, o narrador-biógrafo, no trecho 7, caracterizou o teórico como alguém que “revelou excelentes qualidades de jornalista”, e que proporcionou ao jornal um “notável impulso”. Sem descrever os critérios que elencam tal título, da mesma forma que não se mensura o que pode ser considerado um impulso notável, assume como informação somente o que é dito como verdade, pela ótica do narrador. Ou seja, a ideia de impulso notável e de ser um excelente jornalista faz parte do universo de crenças individuais de quem afirma isso, revelando uma construção subjetiva do mundo. Contemplando essa lógica a todo o corpus, chegamos aos dados a seguir.

Quadro 3 – Análise dos Procedimentos Discursivos para Qualificar no corpus.

	Mao Tsé-Tung	John F. Kennedy	Karl Marx
Construção de mundo	Construção subjetiva 53 ocorrências 61,63%	Construção subjetiva 91 ocorrências 66,91%	Construção subjetiva 57 ocorrências 66,28%
	Construção objetiva 33 ocorrências (38,37%)	Construção objetiva 45 ocorrências (33,09%)	Construção objetiva 29 ocorrências (33,72%)

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Com base nos dados apresentados acerca dos procedimentos discursivos de qualificação – os quais revelam a predominância de uma construção subjetiva de mundo –, torna-se possível evidenciar, mais uma vez, as marcas da atuação de um sujeito narrador-biógrafo, cuja presença é constitutiva dos textos analisados.

Observa-se, ainda, que é nas distintas caracterizações e nos elementos qualificativos que se encontram os recursos de manobra desse narrador, o que permite inferir que a narrativa está atravessada por um juízo de valor de ordem individual. No entanto, tais dados ainda se mostram insuficientes para determinar a direção argumentativa que cada caracterização busca imprimir ao leitor durante o julgamento das figuras biografadas. Torna-se, portanto, necessário examinar, ao longo do texto, o valor atribuído a cada qualificação, considerando sua natureza positiva, negativa ou neutra.

Trecho 8:

Exatamente durante essa Longa Marcha, Mao demonstra ser, ao mesmo tempo, hábil político e não menos competente estrategista (Bodino; Pastengo, 1975, p. 94).

Retomando a biografia de Mao Tse-tung, o trecho 8 insere-se na seção do texto dedicada à Longa Marcha, retirada militar liderada por Mao, na qual, segundo o narrador, o líder se revela como um hábil político e estrategista. Trata-se, portanto, de uma passagem marcada por uma construção subjetiva, visto que não são apresentados dados objetivos que sustentem as qualificações atribuídas. Para além disso, a descrição de Mao como “hábil político” e “competente estrategista” configura uma apreciação da figura biografada, contribuindo para a construção de uma imagem positiva deste para o seu público leitor.

Trecho 9:

As dificuldades a serem superadas não seriam poucas. Em primeiro lugar, sua saúde era instável; em segundo, ninguém o conhecia em Boston, pois desde menino mudara-se para o Estado de Nova York e passara as férias em Hyannis Port ou na Flórida. Finalmente, faltava-lhe uma base política ativa, sem falar em sua inexperiência (Margota, 1975, p. 33).

Em sequência, no trecho 9, ao ingressar na carreira política, o narrador-biógrafo descreve John F. Kennedy como alguém que possui um quadro de saúde “instável”, desconhecido e sem base política, diante dos enormes desafios que estavam por surgir. Retirado do volume 2, o trecho reforça uma imagem de Kennedy não só como um político imaturo e limitado, mas também como uma pessoa em uma condição clínica complicada, tendendo a sugerir uma leitura desfavorável do personagem Kennedy por parte do leitor. Em termos de valores das qualificações, temos, por mais que de forma sutil, uma caracterização negativa.

Trecho 10:

Em meio a tamanhas dificuldades, Karl encontrou, no entanto, forças para retomar, com inalterado fervor, os estudos e a atividade política. Dedicou-se à preparação da obra de economia política iniciada no longínquo 1844. E, à base desses estudos proferiu uma série de conferências, antecipando os elementos fundamentais de sua futura obra: *O Capital*. (Chiericati, 1975, p. 52)

Enfim, no último volume selecionado, o trecho 10 discorre sobre a retomada de Marx em escrever algumas bases e reflexões que mais tarde viriam a compor uma de suas obras mais famosas atualmente. O narrador-biógrafo, aqui, ressalta que, mesmo com as dificuldades que o biografado e sua família estavam enfrentando, financeiramente e com o luto pela perda do filho, ele ainda teve a força de vontade para retornar às suas atividades com “inabalado fervor”, construindo uma ideia de um Karl Marx que luta sem desistir dos seus propósitos. Tendo isso dito, é possível verificar um elemento de valor positivo na construção da qualificação desse indivíduo nessa passagem.

Aplicando essa mesma análise ao longo do *corpus* completo, sintetizamos os dados no Quadro 4.

Quadro 4 – Os valores das Procedimentos para Qualificar no *corpus*.

	Mao Tse-tung	John F. Kennedy	Karl Marx
Valores da Qualificação	Valor Positivo 41 ocorrências (50%)	Valor Positivo 37 ocorrências (27,21%)	Valor Positivo 45 ocorrências (52,32%)
	Valor Negativo 8 ocorrências (9,75%)	Valor Negativo 53 ocorrências (38,97%)	Valor Negativo 14 ocorrências (16,28%)
	Valor Neutro 33 ocorrências (40,25%)	Valor Neutro 46 ocorrências (33,82%)	Valor Neutro 27 ocorrências (31,40%)

Fonte: Produzido pelos autores.

Tomando o que apresentamos no Quadro 4, torna-se mais evidente o comportamento das qualificações modalizadas ao longo das narrativas biográficas dos volumes 1, 2 e 3 da série *Prós e Contras – Um Julgamento da História*. Nos textos dedicados a Mao e Marx, observa-se que o narrador-biógrafo, na maior parte do tempo, oferece uma caracterização mais positiva dessas figuras, ainda que, em certos trechos, recorra a qualificações neutras ou negativas. Em contraste, a biografia de

John F. Kennedy é marcada por uma predominância de qualificações negativas, distinguindo-se das demais. Esse panorama permite afirmar que, ao longo da obra, o uso das “sementes de prova” – aqui compreendidas como as qualificações – revela um projeto retórico do biógrafo, que ora advoga a favor, ora contra as personalidades retratadas. Dessa forma, enfraquece-se a noção de um julgamento imparcial e a ideia de que caberia exclusivamente ao leitor a emissão do veredito final.

Considerações finais

As biografias configuram-se como espaços de negociação identitária, nos quais se define como determinadas figuras devem ser lembradas. Nesse processo, o biógrafo assume o papel de construtor da memória, ainda que inevitavelmente deixe inscritas suas marcas no relato histórico. Na coletânea *Prós e Contras – Um Julgamento da História*, os autores demonstram consciência de sua responsabilidade enquanto representantes – ou mesmo advogados de acusação – das figuras biografadas, inseridas no espaço de disputa simbólica que a obra propõe. Como bons oradores, compreendem que a decisão final cabe ao interlocutor-leitor; contudo, nada impede que seus discursos sejam estrategicamente construídos para favorecer determinada orientação argumentativa.

Propomos, neste trabalho, um esforço de articulação entre os conceitos da *techné rhētoriké* aristotélica, conforme interpretada por Barthes (2019), e categorias específicas da Análise do Discurso, com o objetivo de esclarecer de que modo a construção da narrativa biográfica pode operar como um recurso de persuasão. Para tanto, partimos da problematização proposta pela série *Prós e Contras*, que busca conciliar, sob um mesmo prisma, a ideia de imparcialidade no gênero biográfico com a noção de um julgamento autônomo por parte do leitor. A partir da seleção do *corpus* composto pelas biografias de Mao, Kennedy e Marx, o percurso analítico que percorremos se deu em 3 etapas: análise do Modo de Organização Enunciativo, seguido do Modo de Organização Descritivo, e finalizando nos valores das qualificações.

Na primeira fase da análise, a partir da análise do Modo de Organização Enunciativo, trouxemos à tona a presença do sujeito narrador-biógrafo dentro dos escritos. Os dados revelaram que, por mais que ele não esteja marcado explicitamente, em comportamento delocutivo, escamoteado pelas construções em terceira pessoa, sua existência pode ser verificada pelo uso de asserções que não

podem ter uma outra origem a não ser o próprio narrador, constatadas como verdade de um jeito que é difícil de contradizer. Essa escolha, provavelmente proposital, reitera sua credibilidade em relação ao que está sendo contado nessas histórias, ao mesmo tempo que facilita a modalização das *semina probationum*.

Sendo, então, as sementes de prova os elementos que colocam em xeque o problema do julgamento autônomo do leitor nessas obras, nosso próximo recurso foi aplicar o Modo de Organização Descritivo, mais especificamente as categorias relacionadas aos Procedimentos para Qualificar. Percebemos que as qualificações nos três livros as apresentaram de maneira majoritariamente subjetiva, reforçando a existência de um narrador-biógrafo responsável pelo discurso nesses textos. E essas mesmas constroem imagens, mesmo que de forma bem discreta, favoráveis (como em Mao e Marx) ou contrárias (como em Kennedy) a cada um dos personagens retratados. Esses resultados nos permitem afirmar que, ao contrário do que parece, não há nem imparcialidade e nem um julgamento autônomo por parte do leitor. O que há é um projeto discursivo.

Agradecimentos

Nossos agradecimentos à CNPq, por financiar essa pesquisa.

Referências

ANDRADE, M. C. Narrar, comentar, interpretar, criar: biografia, jornalismo e história em Che Guevara, a vida em vermelho, de Jorge G. Castañeda, e Che Guevara: uma biografia, de Jon Lee Anderson. **Revista Tempo, Espaço e Linguagem (TEL)**, v.1, n.1, p.85-110. 2010. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/tel/article/view/2606/1948>. Acesso em: 25 ago. 2025.

BARTHES, R. A retórica antiga. In: BARTHES, R. **A aventura semiológica**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2019. p. 3-100.

BODINO, M. PASTENGO, C. **Mao Tse-tung**. São Paulo, SP: Edições Melhoramentos, 1975.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 183-191.

CHARAUDEAU, P. A argumentação em uma problemática da influência. **ReVEL**, edição especial, v. 14, n. 12, 2016. 16 p. Disponível em: <https://revel.inf.br/files/82cdc76251f39fa72a9aa561bec1216a.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2025.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso: modos de organização**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019. CHEDIAK, J. CHEDIAK, T. A elocutio no enlaçar da linha com o linho. In: ABUCHAIM, C. B.; FERREIRA, L. A. (org.) **Sistema retórico: dispositio e elocutio**. São Paulo: Blucher, 2023. p. 247-260.

CHIERICATI, C. **Karl Marx**. São Paulo, SP: Edições Melhoramentos, 1975.

KIST, A. A retórica aristotélica, persuasão de defesa. **Ciências Sociais Aplicadas em Revista**, v. 11, n. 20, p. 169-178, 2011. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/csaemrevista/article/view/7620>. Acesso em: 25 ago. 2025.

MARGOTTA, R. **John F. Kennedy**. São Paulo, SP: Edições Melhoramentos, 1975.

MUGNOL, B. **A construção narrativa do biógrafo e do biografado em Roberto Carlos em detalhes e O Réu e o Rei**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/180551>. Acesso em: 25 ago. 2025.

PENA, F. Subjetividade Midiática: tempo e memória no discurso das biografias contemporâneas. **Psic. Clin.**, v. 19, n1, p. 41-55. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/vCN7JHDYHcYKHgpWrHLQ3dq/?lang=pt>. Acesso em: 25 ago. 2025.

PRIORE, M. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. **Revista Topoi**, v. 10, n. 19, p. 7-16. 2009.

XAVIER, M. R. P. **A configuração discursiva de biografias a partir de algumas balizas de História e Jornalismo**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Belo Horizonte, Belo Horizonte, 2012, p. 291. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-96TEX7>. Acesso em: 25 ago. 2025.

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004.

VILAS BOAS, S. **Biografias e Biógrafos: jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus Editorial, 2002.